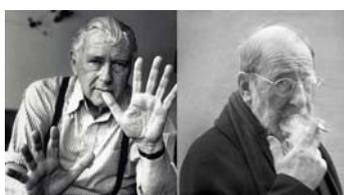


Marcel Breuer *versus* Álvaro Siza¹

Considerações a propósito de dois processos de reformulação conceptual do *modo de habitar*

Raquel Geada Paulino (Arquitecta, FAUP/PDA)

Palavras-chave: arquitectura; modo de habitar; refundação do universo doméstico; reformulação tipológica; casa; método; Marcel Breuer; Álvaro Siza



1.

Marcel Breuer e Álvaro Siza

Resumo

A possibilidade e a pertinência de empreender uma reflexão, tendo por base uma leitura da obra desenvolvida por Marcel Breuer e por Álvaro Siza, resultam do facto de, em ambos os percursos e no que diz respeito especificamente à temática da habitação unifamiliar, se identificar uma mesma postura que se prende com a introdução de uma reformulação tipológica que, em ambas as situações e de forma manifestamente diversa, se revela de grande alcance e expressão.

Não se pretende defender a tese de que existe uma relação directa entre os referidos percursos, mas identificar, a partir de uma leitura comparada, algumas convergências de princípio que concorrem – a par de outras abordagens e desde a 1.ª metade do século XX – para uma *refundação do universo doméstico*. Do exercício de confronto emerge um conjunto de temas que orientam e caracterizam a produção arquitectónica de A. Siza e que, do nosso ponto de vista, estruturam a matriz de leitura que permite identificar os desenvolvimentos tipológicos operados. Pretende-se, desta forma, esclarecer o processo de reformulação do *modo de habitar* explorado por A. Siza.

*

Tendo em conta os objectivos enunciados, a investigação e a reflexão desenvolvidas estruturam-se em dois momentos. Num primeiro momento, opta-se por desenvolver uma breve reflexão sobre os percursos de M. Breuer e A. Siza, no campo disciplinar da arquitectura, tecendo um conjunto de considerações e identificando um conjunto de questões que enquadram as suas abordagens e que permitem lançar a estrutura do processo de análise e reflexão desenvolvidos no segundo momento. A referida estrutura constrói-se a partir da selecção de um conjunto de temas que, não sendo exclusivos dos programas domésticos, permitem caracterizar o modo particular de pensar e desenvolver o programa doméstico. Na sequência do exposto, desenvolve-se uma reflexão estruturada a partir da análise de um conjunto de cinco casas de A. Siza – Carneiro de Melo, Rui Feijó, Carlos Beires, Avelino Duarte e Pego –, tendo por base a referida matriz de leitura. Pretende-se, desta forma, equacionar para cada um dos casos de estudo os referidos temas, colocando em evidência a evolução operada ao nível do seu entendimento e, conseqüentemente, da sua forma de abordagem, confirmando e clarificando o processo de reformulação conceptual do *modo de habitar* que A. Siza desenvolve.

1. Marcel Breuer versus Álvaro Siza. Tempo | Casa | Método

Para cada um dos autores identifica-se um conjunto de circunstâncias que evidenciam uma aparente falta de articulação, assim como a adopção de posturas divergentes. Referimo-nos ao diferente contexto temporal em que se inserem, à expressão do programa doméstico na produção arquitectónica de cada um, assim como ao Método que orienta o *modo de ver e pensar* que é, pela sua especificidade, simultânea e, necessariamente, o *modo de fazer* a arquitectura que lhes é característico.

Relativamente a M. Breuer, é possível identificar um período da sua produção arquitectónica em que a temática da habitação unifamiliar tem um particular ênfase; por outro lado, relativamente a A. Siza, constata-se que ela é relativamente constante, quer em termos de permanência, quer em termos de intensidade, com a excepção de um curto período da fase inicial do seu percurso profissional, no qual, de facto, foi o programa que dominou a sua produção arquitectónica.

Genericamente, identificam-se três etapas que caracterizam o trabalho de M. Breuer no domínio disciplinar da arquitectura, nomeadamente uma primeira, no contexto europeu, sobretudo enquadrada pela sua passagem pela Bauhaus e pela produção de mobiliário; uma segunda, já no contexto americano, que corresponde a um período sensivelmente de duas décadas, durante as quais tem a oportunidade de desenvolver um conjunto considerável e muito diversificado de habitações unifamiliares; e por último, uma terceira fase na qual tem oportunidade de desenvolver, a par de alguns programas domésticos, programas que equacionam uma escala e complexidade manifestamente superior.

Relativamente a A. Siza e com a excepção do referido período inicial, durante o qual a sua produção se centrou no desenvolvimento de programas domésticos – questão relativamente à qual o próprio, em entrevista realizada por Molteni e Gianchetta (1999), sob a temática da casa, afirma que, *na primeira fase, a casa é um tema central simplesmente porque não tinha outros trabalhos*² –, a restante produção arquitectónica integra simultaneamente programas diversos, de maior ou menor escala e complexidade. Para A. Siza, à aparente simplicidade que a concepção de uma casa pressupõe – em termos programáticos e de instrução do processo –, contrapõem-se níveis de trabalho e exigência de uma grande intensidade e profundidade, quer pelo aprofundamento em termos do detalhe que necessariamente equaciona, quer pela exploração de uma íntima relação entre cliente e solução arquitectónica. Tendo por base o exposto, A. Siza (1999) afirma que a casa emerge, no seu percurso, como tema central, pela componente de experimentalismo que encerra potenciando momentos de inovação, mas também pela oportunidade de aprofundamento e consolidação desse mesmo percurso. No que diz respeito ao modo específico de *ver, pensar e fazer* arquitectura, importa fazer referência ao facto de ambos, M. Breuer e A. Siza, se relacionarem, em momentos distintos do seu percurso, com escolas, a *Bauhaus* e a *Escola do Porto*, que se caracterizam pela construção de projectos pedagógicos e metodologias de abordagem ao projecto arquitectónico particulares e excepcionais no seu tempo e à escala internacional.



2.
Marcel Breuer.
1925.1926 | Wassily Chair;
1938.1939 | Breuer House;
1969 | Armstrong Rubber
Company Headquarters



3.
Álvaro Siza.
1964.1968 | Casa Alves
Costa;
2002.2007 | Casa Maiorca

Se, por um lado, relativamente a M. Breuer e segundo A. Armesto (2001), a relação com a *Bauhaus* se estrutura a partir de uma lógica de formação, ou seja, M. Breuer é um produto do método que a escola preconiza, por outro lado, relativamente a A. Siza, a sua relação com a *Escola do Porto* estabelece-se por via da sua participação directa e indirecta, enquanto docente e profissional, na construção de um projecto pedagógico e de uma *cultura arquitectónica* que a distingue e caracteriza.

Apesar das diferenças entre os projectos pedagógicos que caracterizam ambas as escolas, identifica-se um mesmo princípio, nomeadamente a construção de um *método* que permita responder de forma eficaz e pertinente à diversidade e complexidade dos desafios que cada programa e cada contexto físico, social, económico e cultural colocam em cada momento.

*

A leitura das convergências e divergências entre os percursos de M. Breuer e A. Siza revela-se aliciante, não só pela possibilidade de, a partir de métodos e concepções distintas, se poderem introduzir processos de reformulação conceptual no modo de habitar, de certa forma análogos e significativos, mas também pela possibilidade de através da sua confrontação se tornar ainda mais explícito o que os distingue e caracteriza. De certa forma, explora-se o princípio da racionalidade defendido por M. Breuer que, citando, *reside na capacidade humana de descobrir o que há de comum em experiências separadas entre si e aparentemente diversas.*³ Neste contexto, importa identificar, de imediato, uma divergência de princípio absolutamente estruturante. Segundo A. Armesto (2001), *Breuer foi capaz, desde uma fase inicial da sua vida, de separar a ideia, ou seja, a dimensão formal, da matéria e da execução.*⁴ A. Siza explora uma postura claramente diversa, colocando a ênfase na dimensão poética da arquitectura, que se alcança através de uma síntese para a qual concorrem simultaneamente e de forma articulada, a dimensão formal, da matéria e da execução.

*

Relativamente ao programa doméstico, M. Breuer e A. Siza perseguem possibilidades de reformulação e reinvenção conceptual. Na persecução deste objectivo, ambos desenvolvem concepções de casas, **em função de um utilizador específico**, que se estrutura a partir de um sistema que articula e combina um conjunto diversificado de valores e que se apreende e apropria como um todo. Na publicação *Imaginar a Evidência*, A. Siza (1998), denuncia a influência de Breuer no seu próprio percurso, nomeadamente quando refere, relativamente à casa de Ofir, na qual Távora, com quem trabalhava, explora uma organização da casa, próxima dos modelos explorados por Breuer, que – citando – *era assim impregnado, ao mesmo tempo, por uma multiplicidade de influências.*⁵ A questão do **utilizador** emerge como questão central em ambas as abordagens. M. Breuer concebia a casa para o *homem moderno*, independentemente da especificidade de cada indivíduo. Por sua vez, A. Siza explora os hábitos, as necessidades e aspirações específicas do futuro utilizador como premissa essencial do projecto, embora salvasse uma certa independência e distância, na medida em que, como ele próprio defende, uma casa deve ser capaz de dar resposta a diferentes solicitações que decorrem de potenciais mudanças no quadro de



4.

Especificidade do tipo de Utilizador.

Marcel Breuer | O Homem Moderno;

Álvaro Siza | Multiplicidade

aspirações do utilizador ou no limite de uma mudança do utilizador ou grupo de utilizadores.

Numa analogia com Fernando Pessoa, A. Siza refere que o arquitecto tem que ser capaz de assumir uma multiplicidade de personalidades. “*Projectar é percorrer o espaço, o tempo, ocupar a casa no imaginário. Portanto, o arquitecto deve imaginar que está na pele do cliente, da mulher, tem que fazer de criança, tem que fazer de avô da família, mulher de limpeza, etc.*”⁶

Assim, apesar de partirem de um princípio análogo, o desenvolvimento do projecto da casa em função de um utilizador específico, pelo facto de, no contexto de M. Breuer ser sempre o mesmo, o *homem* moderno, e no contexto de A. Siza ser sempre diferente, porque cada indivíduo é único e encerra um quadro de valores específico, torna-se relativamente evidente que o produto final do processo de concepção, a casa, será manifestamente diverso.

*

M. Breuer desenvolve o programa doméstico a partir de dois tipos de solução, nomeadamente as denominadas *de planta alargada*, que se desenvolvem num rectângulo de um ou dois pisos, ou as denominadas *binucleares*, em forma de H ou U, explorando o potencial do pátio enquanto espaço de transição, articulação e utilização vivencial.

Relativamente a A. Siza, o exercício de identificação de tipos de solução não se revela profícuo, considerando que cada casa é o resultado de um processo específico, que tem como condição de referência um conjunto de circunstâncias que é necessariamente único.

Apesar da diversidade de soluções em termos morfo-tipológicos, é possível identificar temas, assim como lógicas de *arrumação* do programa relativamente recorrentes. Tal como M. Breuer, A. Siza explora, desde o início do seu percurso profissional, num conjunto significativo de situações, o **tema do pátio**, nomeadamente na Casa Carneiro de Melo (1957-59), Rocha Ribeiro (1960-62 e 1969-70), Alves Costa (1964-68), Carlos Beires (1973-76), de entre várias outras, até às soluções exploradas recentemente na Casa Van Middeltem-Dupont, na Bélgica, nas Casas da Villa Colonnese, em Vicenza, na Casa em Maiorca (2002-2009), assim como na Casa do Pego (1998-2008), em Sintra, denunciando um permanente exercício de reinterpretção e reconfiguração conceptual e formal do espaço do pátio.

Importa realçar que o tema do pátio é central e transversal em toda a obra de A. Siza, nomeadamente em edifícios de maior ou menor escala e complexidade, albergando os mais diversos programas.

Tal como M. Breuer, A. Siza explora o pátio pelo potencial que encerra enquanto **espaço de transição** que – citando o próprio – cria *uma sensação de continuidade e de passagem suave entre a dimensão do interior e a complexidade do exterior*,⁷ **espaço de articulação** que medeia a relação entre a casa e o contexto que a envolve; e **de utilização vivencial**, na medida em que se configura como espaço também ele destinado à permanência e usufruto.

Podemos ainda estabelecer um outro paralelo entre as casas *binucleares* de M. Breuer e as casas de A. Siza, nomeadamente no que se refere ao princípio que determina a lógica de organização do programa. De forma mais ou menos



5.
Tema do Pátio.
Marcel Breuer.
1959.1960 | Hooper House;
Álvaro Siza.
1979.1987 | Casa Maria
Margarida

explícita, ambos denunciam uma mesma intenção de organizar o programa doméstico a partir do tipo de utilização, colectiva e privada, intensa e pontual, diurna e nocturna, assim como ambos equacionam o conceito de *casa dentro da casa*, procurando explorar soluções em que partes do programa gozam de relativa autonomia.

*



6.
Relação com o Lugar.
Marcel Breuer.
1949.51 | Wolfson House;
Álvaro Siza.
2002.2008 | Casa de Maiorca

O exercício de reflexão sobre os modos de *ver, pensar e fazer* a arquitectura implica necessariamente equacionar aquela que, tanto para M. Breuer como para A. Siza, constitui a relação primordial da arquitectura, a relação entre a natureza e a construção. Apesar da convergência de princípio, o entendimento específico de cada um relativamente a esta questão afasta-se significativamente. Para M. Breuer, a arquitectura resulta do **trabalho do homem sobre a natureza**, devendo explicitar essa condição. Assim, um edifício deve ser equacionado numa lógica de contraste e não de imitação das formas da natureza. Para A. Siza, a arquitectura resulta do **trabalho do homem com a natureza**. Desta forma, um edifício pode simultaneamente ser equacionado numa lógica de contraste e integração, composto por formas que moldam e se deixam moldar pelo *lugar*.

Em síntese, a uma *lógica de transformação do lugar*, de M. Breuer, contrapõe-se uma *lógica de domesticação do lugar*, de A. Siza.

Por último e ainda numa lógica de relação com o *lugar*, importa fazer referência a uma postura análoga perante a exploração de materiais e técnicas construtivas locais, que emergem no contexto de implantação da obra. Ambos exploram com maior ou menor intensidade a possibilidade da sua integração, não de uma forma directa e linear, mas através de um rigoroso processo de reinterpretação e adequação.

*

Concluiu-se com duas citações que se considera caracterizarem, na sua essência, cada uma das abordagens.

M. Breuer explorava “*uma arquitectura didáctica, que não ocultava os processos utilizados, desde a clareza dos elementos e a sua composição, à riqueza espacial, uma sumptuosa relação com a natureza e com a plasticidade da forma e do volume sob a luz que não forçava em nada a vida, pelo contrário a facilitava e tornava mais rica e radiante, mais alegre e variada.*”⁸.

“*O espaço da casa de Siza é um espaço ocupado, possuído, apropriado (...). Nunca é um espaço neutro, ou estritamente funcional, nem tão pouco puro, conceptual, uma vez que se converte numa entidade densa, povoada de sentimentos, costumes, sensações que dão sentido tanto às coisas como ao corpo do próprio habitante. Qualquer forma de objectividade desaparece e tudo remete para a presença de um corpo.*”⁹.

2. Álvaro Siza. Leitura de um processo de reinterpretação e reformulação do modo de habitar

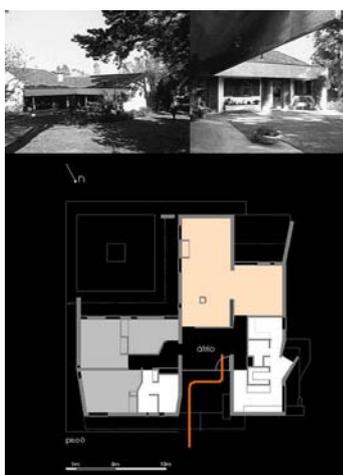
O processo de reflexão e análise desenvolvido permitiu colocar em evidência o que se considera serem os temas que estruturam e permitem caracterizar o entendimento específico, de M. Breuer e A. Siza, no campo disciplinar da

arquitectura e que nos servem de base à construção de uma matriz de leitura da produção arquitectónica de A. Siza, nomeadamente no que se refere aos programas domésticos que desenvolve. Fazem parte dos referidos temas:

- a | a dimensão formal e poética da arquitectura;
- b | o tema do utilizador ou grupo de utilizadores, nomeadamente a identificação dos seus hábitos, necessidades e aspirações;
- c | o tema do pátio, nas diversas relações de transição, articulação e utilização;
- d | o tema da transição *entre duas condições diferentes onde se multiplicam e intensificam os intercâmbios e as sensações*,¹⁰ nomeadamente entre espaço exterior e espaço interior, luz exterior e sombra interior, espaço de uso colectivo e espaço de uso privado, de entre outras;
- e | a lógica de *arrumação* do programa em função do tipo de utilização e a exploração do conceito de *casa dentro da casa*;
- f | a relação entre a natureza e a construção, em função de uma *lógica de domesticação do lugar*;
- g | e as opções relativamente aos processos construtivos, equacionando a integração de materiais e processos construtivos tradicionais a partir de uma lógica de reinterpretação e adequação.

Tendo em conta os temas enunciados, seleccionou-se, de entre um vasto conjunto de projectos de casas de A. Siza, cinco casos de estudo: a **Casa Carneiro de Melo**, pelo facto de ser a primeira solução que desenvolve, tendo como tema central o pátio e que surge em paralelo com a solução desenvolvida para a Casa de Ofir (1957-58) de Fernando Távora, na qual trabalha como colaborador; a **Casa Rui Feijó**, cujo projecto serviu de base à apresentação do CODA e obtenção do diploma de A. Siza, na ESBAP; a **Casa Carlos Beires**, considerando que na solução proposta é ensaiada uma diversidade de temas, lógicas de articulação e concepção espacial inovadoras, que determinam a emergência de uma nova linguagem; a **Casa Avelino Duarte**, que consideramos incontornável na medida em que marca a emergência de um novo paradigma; e a **Casa do Pego** por constituir uma solução na qual A. Siza aprofunda quase no limite determinados temas que, formalmente, se traduzem numa fragmentação volumétrica, numa atomização em termos programáticos e numa complexidade espacial, que se prendem obviamente com a complexidade e especificidade do programa da casa, do cliente, mas, sobretudo, do contexto em que se insere.

Face ao exposto, para cada um dos casos de estudo seleccionados, apresenta-se uma síntese que enuncia o essencial a propósito dos temas em questão.



7.
Álvaro Siza.
1957.1959 | Casa Carneiro de Melo

1957.1959 | Casa Carneiro de Melo

O projecto da Casa Carneiro de Melo, localizado na Avenida da Boavista, no Porto, resulta de um conjunto diversificado de circunstâncias, nomeadamente de um programa relativamente simples, que permitiu a sua organização num só piso; uma morfologia, orientação e exposição do terreno de implantação, que pressupunha alguma contenção e protecção da construção na relação a norte e sudoeste; assim como a intenção de criar uma certa intimidade através de um afastamento de quinze metros e da criação de uma cortina verde mais ou menos

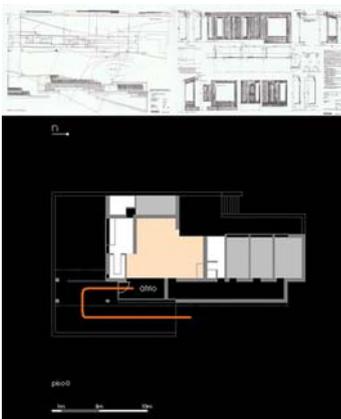
densa, recuperando, como A. Siza (1967) refere na memória descritiva do projecto, a solução de algumas das casas mais antigas da avenida.

Para além da especificidade do contexto de intervenção, importa destacar um conjunto de circunstâncias externas ao projecto que concorrem para a sua formulação, nomeadamente o contexto nacional e internacional de exploração de novos modelos de organização do programa doméstico e as contaminações que, naturalmente ocorrem e que se podem observar neste projecto.

A solução desenvolvida por A. Siza é muito próxima da solução explorada por F. Távora, na Casa de Ofir, na qual trabalha como colaborador. De forma análoga, o projecto da casa desenvolve-se a partir do **tema do pátio**. Adopta-se uma solução de duplo pátio, um exterior e um outro interior, que se traduz no espaço do átrio, organizando-se o programa doméstico em função do tipo de utilização – colectiva | privada, diurna | nocturna – em núcleos, nomeadamente da sala, dos quartos e da cozinha|serviços. É a partir do átrio, que corresponde a uma espécie de segundo **pátio interior**, que se faz a articulação e o acesso a cada um dos núcleos.

A exploração do tema do pátio, nas suas diversas dimensões, nomeadamente enquanto espaço de transição, articulação e utilização vivencial, emerge, neste projecto, como princípio gerador da forma confirmando a tese de R. Ramos (2004) quando afirma que o espaço exterior passa a ser determinante e indissociável na organização do programa doméstico *transformando-se no seu centro conceptual e formal*¹¹.

A propósito do projecto da casa Carneiro de Melo, colocamos, ainda, em evidência o **tema da transição** explorado de diferentes formas, nomeadamente entre o átrio na relação com cada um dos núcleos e na relação entre o espaço da sala e quartos com o pátio exterior. Assim, se por um lado, na relação entre o átrio e o restante programa se explora o tema da transição a partir da criação de novos espaços ou dispositivos muito simples, que se traduzem em estrangulamentos ou viragens com os quais se cria uma espécie de 2.º momento que prepara a entrada, evitando relações óbvias e directas, por outro lado, na relação entre o pátio exterior e o espaço da sala e quartos, são equacionados dispositivos formais, nomeadamente o prolongamento da cobertura que permite, simultaneamente, mediar, proteger e criar um jogo de intensidades, claro *versus* escuro que, ao longo do tempo, ‘constrói’ um espaço de transição variável. Assim, a simplicidade da solução e aparente relação directa entre o espaço da sala e o exterior resulta, de facto, numa complexa relação que explora a dimensão física e temporal.



8.
Álvaro Siza.
1963.1964 | Casa Rui Feijó

1963.1964 | Casa Rui Feijó

O projecto da Casa Rui Feijó, desenvolvido para um terreno localizado em Moledo do Minho, tem como especificidade o facto de ser um projecto implantado numa área pertencente ao Parque Nacional de Camarido, de constituir parte integrante de um estudo de conjunto que envolvia o projecto de duas habitações e, por último, de ser uma casa de férias, de ocupação temporária, circunstância esta que justifica a simplicidade da solução proposta em termos programáticos, particularmente evidente nas áreas de serviços que são reduzidas ao estritamente necessário privilegiando-se o espaço da sala.

Neste projecto, importa salientar quatro temas, nomeadamente, o tema do pátio, da transição, da lógica de arrumação, assim como a relação entre natureza e construção.

Mais uma vez, A. Siza opta pela criação de um átrio de entrada que funciona como espaço de transição e mediação entre interior e exterior. É, no entanto, o espaço da sala e não do átrio, como se observa na Casa Carneiro de Melo, que funciona como rótula de articulação entre os restantes dois núcleos da casa – cozinha|serviços e quartos. A opção de organização interna por zonas constitui uma das premissas do projecto. O espaço da sala é entendido e assumido, nesta solução, como espaço de permanência, mas também de atravessamento. Este tipo de solução será retomado e aprofundado sucessivamente, nomeadamente na Casa Alves Costa.

O espaço de pátio exterior é, nesta solução, reconfigurado e reinterpretado, alongando-se de forma a procurar explorar relações distintas entre o espaço da sala e dos quartos com o exterior. A definição de um conjunto de muros garante, por um lado, uma continuidade entre o conjunto edificado composto pelas duas habitações e, por outro lado, a delimitação das zonas exteriores mediando a relação com o parque e garantindo uma certa protecção relativamente a ventos, tendo em conta a sua exposição.

A. Siza enuncia como princípio gerador da forma a **integração do conjunto na paisagem**, suportando a sua opção numa análise e interpretação das estratégias de implantação observadas em construções locais mais antigas em circunstâncias de localização e relação análogas.

1973.1976 | Casa Carlos Beires

A Casa Carlos Beires, construída na Póvoa de Varzim, numa parcela de um Plano de Urbanização, com uma envolvente sem preexistências significativas, revela-se um projecto de particular importância na medida em que nos permite pôr em evidência diversos temas. Perante a complexidade do programa, A. Siza desenvolve uma solução que introduz profundas reformulações em termos conceptuais, de configuração espacial, de organização funcional, mas também de linguagem formal.

De forma análoga aos projectos das Casas Carneiro de Melo e Rui Feijó, A. Siza adopta uma solução de pátio. Observa-se, no entanto, uma reinterpretação e profunda reformulação da relação entre o espaço exterior e a casa que resulta numa inversão da localização e sentido do pátio. A. Siza subverte o carácter intimista característico das soluções desenvolvidas em pátio, tendo em conta que o pátio se abre para a rua expondo, de certa forma, a vivência doméstica da casa. Obviamente, A. Siza desenvolve mecanismos de controlo desta relação, nomeadamente através de um conjunto de espaços de transição que a medeiam. Paralelamente, a utilização de determinados dispositivos, nomeadamente torsões, avanços e recuos da fachada, permite a construção de diferentes e mais complexas relações entre o espaço interior e o exterior.



9.
Álvaro Siza.
1973.1976 | Casa Carlos
Beires

É, de facto, colocado um particular ênfase nos **espaços de transição** que, nesta solução, são explorados quase ao limite, tendo em conta que também a articulação entre os diferentes espaços da casa é mediada por um espaço de transição.

A **complexidade** observada ao nível dos espaços de transição e da relação entre exterior e interior está também presente no desenvolvimento **programático**.

Observa-se a integração de novos espaços, áreas sem uma função explícita que podem assumir uma diversidade de funções e albergar novos programas – escritório, biblioteca, de entre outros. Por sua vez, a área destinada a serviços – banhos, arrecadação – ganha dimensão e expressão.

Importa, ainda, destacar a emergência do tema da *casa dentro da casa*, nomeadamente a partir da definição|configuração de uma célula de sala|banho|quarto, no primeiro piso, que goza de uma certa autonomia relativamente ao restante programa.

A par do conjunto de profundas transformações enunciadas, A. Siza equaciona uma solução de cobertura plana, inicialmente explorada na Casa Manuel Magalhães, reafirmando uma transformação ao nível da linguagem formal da qual resulta um novo léxico.

1981.1984 | Casa Avelino Duarte

Embora de uma forma distinta da Casa Carlos Beires, perante a complexidade do programa e das relações entre os diferentes espaços, A. Siza ensaia, na Casa Avelino Duarte, em Ovar, uma reformulação em termos de configuração e lógica de articulação espacial. Não só os espaços de articulação assumem novas valências como se exploram articulações alternativas que possibilitam reconfigurações, introduzindo uma grande flexibilidade nas opções de utilização dos espaços. É exemplo do exposto a possibilidade de dois quartos se transformarem numa suite, quer pela ligação interna que existe entre ambos, quer pelo duplo acesso ao banho. Ao nível da introdução de novas valências, assiste-se à transformação do átrio num duplo espaço que assume simultaneamente uma lógica de atravessamento e de permanência.

Mais uma vez se observa a exploração do tema da escada enquanto elemento de transição entre o espaço do átrio e da sala.

A solução desenvolvida na Casa Avelino Duarte assume e explora um novo paradigma que se traduz numa profunda transformação do espaço do quarto principal, considerando que ganha uma maior complexidade programática e uma nova lógica de utilização transformando-se numa célula que integra área de quarto|zona de estar|zona de vestir|banho. Este novo paradigma concorre simultaneamente para o desenvolvimento do tema da *casa dentro da casa*.

A nível programático, observa-se a consolidação de um espaço sem função específica, próximo do átrio de entrada, gozando de uma certa autonomia relativamente ao restante programa da casa, assim como a emergência de um novo tipo de espaço, um estúdio|espaço de trabalho, localizado no último piso.

Por último, importa referir a inovação introduzida ao nível da exploração de uma **continuidade espacial na vertical**, através de soluções de pé-direito duplo que permitem desenvolver diferentes relações físicas e visuais entre os diversos pisos.



10.
Álvaro Siza.
1981.1984 | Casa Avelino
Duarte



11.
 Álvaro Siza.
 1998.2008 | Casa do Pego

1998.2008 | Casa do Pego

A Casa do Pego constitui, por fim, uma solução que, não introduzindo inovação em termos programáticos, explora profundamente um conjunto de temas, nomeadamente o tema do pátio, da casa dentro da casa e da transição.

O Pátio fragmenta-se em múltiplos pátios que possibilitam diferentes vivências e lógicas de relação com o contexto envolvente, garantindo uma certa privacidade e autonomia de cada espaço funcional entre si e na relação com o exterior.

O tema da *casa dentro da casa*, já anteriormente ensaiado em diversas soluções, nomeadamente na Casa David Vieira de Castro, é aqui explorado como princípio gerador da forma, na medida em que se adopta como princípio a articulação de um conjunto de células de quartos, sala, cozinha, escritório, que gozam de uma relativa autonomia entre si.

Neste contexto, importa, ainda, destacar o tema do átrio enquanto espaço de transição e articulação que, nesta solução, se alonga, fragmenta e se vai configurando a partir de um conjunto de torções que criam diferentes momentos pontuando, desta forma, acontecimentos. Por sua vez, a entrada em cada célula, a partir do átrio, nunca acontece de forma directa, existindo sempre um espaço de transição, uma antecâmara, um dispositivo que medeia a relação entre ambos os espaços.

*

O conjunto de cinco casos de estudo abordados permitiram-nos, não só colocar em evidência o conjunto de temas abordados recorrentemente por A. Siza nas diferentes conceptualizações e desenvolvimentos formais do espaço doméstico que desenvolve, mas também a diversidade e densidade do exercício de reinterpretação a que permanentemente se propõe. Conclui-se o presente artigo com uma citação de A. Siza que, do nosso ponto de vista, simultaneamente, resume a essência do seu entendimento específico sobre o desenvolvimento do programa doméstico e coloca em evidência a dimensão poética da sua arquitectura.

“O projecto de uma casa é quase igual ao projecto de outra casa: paredes, janelas, portas, telhado.

E contudo é único: transforma-se.

Em certos momentos, ganha vida própria. Faz-se então um animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros. Se é demasiadamente contido, deixa de respirar: morre. Se as suas transfigurações não são compreendidas tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se um monstro, ou torna-se ridículo.

O projecto está para o Arquitecto como o personagem de um romance para o autor: ultrapassa-o constantemente.

E é preciso não o perder.

Por isso o desenho o persegue.

O desenho é o desejo de inteligência.”¹²



12.
 Álvaro Siza

Origem das imagens

1. Foto Marcel Breuer: <http://www.essential-architecture.com/ARCHITECT/marcel-breuer-1.jpg> [2011]; Foto Álvaro Siza: Fernando Guerra
2. Marcel Breuer, Wassily Chair (Model B3 Chair), 1925.26: <http://poulwebb.blogspot.com/2010/06/marcel-breuer.html> [2011]; Breuer House, Lincoln, Massachusetts, 1938.39: <http://files.myopera.com/talatkmblog/house.jpg> [2011]; Marcel Breuer, Armstrong Rubber Company Headquarters. West Haven, Connecticut, 1969: <http://www.preservationnation.org/assets/photos-images/preservation-magazine/2003/pirelli3.jpg> [2011]
3. Álvaro Siza, Casa Alves Costa, 1964.68: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004; Álvaro Siza, Casa Maiorca, 2002.07: Fernando Guerra
4. Interior de um apartamento para um professor de ginástica, em Berlim, 1930: DRILLER, Joachim, *Breuer Houses*, Phaidon, 2000; Fernando Pessoa: <http://www.prof2000.pt/users/hmelo/hmelo36/pessoa1.jpg> [2011]
5. Marcel Breuer, Hooper House, 1958.60: http://media.dwell.com/images/643*502/hooper-house-exterior-courtyard.jpg [2011]; Álvaro Siza, Casa Maria Margarida, 1979.87: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004
6. Marcel Breuer, Wolfson House, 1949.51: <http://newsgrist.typepad.com/underbelly/images/2007/09/27/mason926074.jpg> [2011]; Álvaro Siza, Casa de Maiorca, 2002.07: Fernando Guerra
7. Fotos Casa Carneiro de Melo: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004; Esquema Casa Carneiro de Melo: Raquel Paulino
8. Fotos Casa Rui Feijó: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004; Esquema Casa Rui Feijó: Raquel Paulino
9. Fotos Casa Carlos Beires: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004; Esquema Casa Carlos Beires: Raquel Paulino
10. Fotos Casa Avelino Duarte: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004; Esquema Casa Avelino Duarte: Raquel Paulino
11. Fotos Casa do Pego: GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004; Esquema Casa do Pego: Raquel Paulino
12. Desenho Álvaro Siza: SIZA, Álvaro, *Esquissos ao jantar*, Casa da Arquitectura, 2009

A referência bibliográfica para este artigo

Paulino, Raquel, "Marcel Breuer *versus* Álvaro Siza. Considerações a propósito de dois processos de reformulação conceptual do *modo de habitar*". *Resdomus*. Porto: FAUPpublicações. N.º 1, Artigo n.º 8 (2014), p. 85–95.

Notas

¹ Este artigo foi desenvolvido no âmbito do evento C+C+W 2010, com base na comunicação apresentada no Auditório Fernando Távora da Faculdade de Arquitectura da UP, no dia 14 de Abril de 2010.

² *Conversación sobre el tema de la casa*, in GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza. Casas 1954-2004*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2004 [1999], p. 11.

³ ARMESTO, Antonio, *Fifteen American Houses by Marcel Breuer (1938-1965). The Refounding of the Domestic Universe on Experimental Grounds*, in revista 2G, n.º 17, 2001, p. 15.

⁴ ARMESTO, *op.cit.*, 2001, p. 6.

⁵ SIZA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Lisboa, Edições 70, 1998, p. 34.

⁶ GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *op.cit.*, 2004 [1999], p. 12.

⁷ SIZA, Álvaro, *op.cit.*, 1998, p. 47.

⁸ ARMESTO, *op.cit.*, 2001, p. 7.

⁹ GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *op.cit.*, 2004, p. 13.

¹⁰ GIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *op.cit.*, 2004, p. 14.

¹¹ RAMOS, Rui, *A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa. Mudança e continuidade no espaço doméstico na primeira metade do século XX*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004.

¹² SIZA, Álvaro, texto integrado na colecção de Esquissos do Museu de Serralves.